

# Chegar Atrasado

—

João Jacinto

À arte chega-se sempre atrasado, toma-nos a dianteira, e o Desenho não é excepção. Também aqui chegamos sempre tarde.

A arte é excedência. Acréscimo de forma e sentido ao tudo da vida. Este é um dos paradoxos que a fazem: o de ao tudo e ao todo, acrescentar. Haver mais, onde haver perde sentido.

E um desenho é a antecipação de uma mão a que só tarde chegamos. Em cada traço, e com cada traço, advém todo o invisível, que antes não havia e que agora se sabe, mas que assim continuará: invisível. Desenha-se o nunca visto e que não se verá. Desenha-se porque se vê desaparecer, e desenha-se a ver desaparecer. Com o primeiro traço que nos atrevemos a inscrever na página, mais que prometer o surgir da forma, damos início ao luto de uma perda. «Aquilo» que se desenha escoa-se aquém da ponta que toca a página, e antes de a começar a traçar. É-lhe anterior. E o que sobra é um «quase» a que se chama desenho.

O próprio acto de desenhar é uma perda que constantemente se procura recuperar. Ao desenhar, no traçar de cada traço,

tanto se procura reencontrar e «fixar» o observado quanto o irremediavelmente perdido: a motivação do acto, o impulso «de». Ao desenhar procura-se fazer constantemente presente o que agiu e interrompeu a continuidade e a contiguidade do nosso tempo: a quebra na sua hora regular.

Voltemos ao título deste ciclo de conferências: “as idades do desenho”. Qual é a idade de um desenho? A mesma que a do seu autor?

Que idade tinha Pablo Picasso quando desenhou o retrato de seu pai, como estudo para a figura principal da uma sua pintura intitulada “Ciência e Caridade”, datada de 1897? Os adolescentes dezasseis anos que as suas muitas biografias lhe atribuem? Que idade tinha Picasso quando se entregou a desenhar os inúmeros estudos para a “Guernica”, em 1937? Os cinquenta e seis anos que as mesmas biografias confirmam? Mas o desenho onde retrata o seu pai não era na verdade um desenho que denuncia séculos de existência? E os inúmeros desenhos que fez como estudos para a “Guernica” não tinham acabado de nascer? Para seu espanto, das mãos dos nazis para as suas.

Não defendia Picasso que ser pintor consistia em continuar criança, uma vez passada a “infância” do fazer? Tão criança o foi ao desenhar como Rafael, aos seus poucos anos de vida, quanto o foi ao desenhar como pela primeira vez, aos já muitos anos da sua vida. Para um artista os desenhos têm de ter erro na idade. Será isso o “animal longo desde a infância”, que Luiza Neto Jorge dizia ser o poeta? <sup>1</sup>

Robert Storr, num breve ensaio que escreveu para um livro sobre a obra da pintora norte-americana Elizabeth Murray<sup>2</sup>, afirma que o que há de mais marcante para a obra de um autor remonta a algum momento da sua infância, e adverte que isto não implica a afirmação da infância como um tempo, ou uma idade, de vivências traumáticas, antes, acrescento eu, como um tempo de

1 NETO JORGE, Luiza, *Poesia*, Assírio&Alvim, Lisboa, 2001, pag.122

2 STORR, Robert, *Elizabeth Murray*, MoMA, Nova Iorque, 2006,

vivência da linguagem verdadeira – aquela a que Artaud se referia como sendo *incompreensível tal como o bater do bater de dentes*.<sup>3</sup> Ou uma língua, como aquela a que se refere Lord Chandos na carta que enviou a Sir Francis Bacon, de que se não conhece uma única palavra, uma língua com que as coisas mudas nos falam.<sup>4</sup>

William Burroughs afirmou de si escritor (quando inquirido sobre o momento em que todo o autor se descobre no que é), ter nascido no seu nascimento. Não porque pensasse ter nascido destinado à escrita, mas sim porque tudo o que se é, e que se reduz à totalidade do seu existir, o faz o autor que é. Nesse sentido cada desenho tem a totalidade da nossa idade.

Mas qual é a totalidade da nossa idade? Aquela que começa no instante do nosso nascimento? A data que figura no nosso cartão de cidadão?

Mas não começou o escultor Rui Chafes por afirmar, ao contar a história da sua vida, na conferência que realizou em 2011 no âmbito da comemoração dos cem anos da Universidade de Lisboa, ter nascido em 1266?

Como perguntava Clarisse Lispector: “Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?”<sup>5</sup>

Não descobrimos cada um de nós, ao riscarmos, na nossa mão, gestos que lhe são anteriores? Não nos são as mãos, “antigas”? E quem mora lá?

O desenhar é anterior ao desenhá-lo. Não no sentido de um desenhar entendido como estudo ou ideia, mas porque se desenha de encontro, ou ao encontro, do próprio desenhar. Não estou apenas a falar da pré-história que Klee afirmou preceder o traçar de toda a primeira linha, e que, sob esta e todas as que a seguir se vierem a traçar, perdurará e crescerá. Nem apenas da vida inteira que demoravam para Delacroix os poucos segundos do traçar de cada linha. É que há sempre um «tudo», desde um mais que recuado

3 ARTAUD, Antonin, *Eu*, Assírio&Alvim, Lisboa, 2002, pag 78

4 VON HOFMANNSTHAL, Hugo, *A carta de Lord Chandos*, Hiena, Lisboa, 1990

5 LISPECTOR, Clarisse, *A hora de Estrela*, Relógio d'Água, Lisboa, 2011, pag. 7

anterior ao quase imperceptível antes, a assombrar todo o instante do marcar. No gesto a que o observado conduz pela mão activada pelo visto, na mais distraída garatuja, do «doodle» automático ao traço que na superfície a mão decidida vem inscrever, há sempre um recuado informe. Um «rumor» a que Levinas chama «Há».<sup>6</sup>

O pintor, no «após» que cada desenho nunca deixa de ser, vê-se apenas «ex» de um «si» na verdade nunca sido.

Se, como Levinas escreveu, «a excedência do presente é a vida do infinito», então os desenhos têm essa idade: a do infinito. E assim são, não só contemporâneos, como, citando Merleau-Ponty, o primeiro deles já ia até ao fundo do futuro.

Nos últimos dias do mês de Dezembro de 1947, Antonin Artaud realizou um auto-retrato que datou de Dezembro de 1948, altura em que já estaria morto. Este seu desenho ficou “conhecido”, por este «desacerto» na data, como “auto-retrato pós-datado”. Essa não será, na verdade, a inevitável condição de todos os desenhos: a de serem pós-datados?